



## RAP A CULTURA DA RESISTENCIA PELA VIVENCIA E POESIA – UM ENSAIO SOBRE O ÁLBUM “HISTÓRIAS DA MINHA ÁREA” DO RAPPER DJONGA

*Jonathan Araujo Barreto de Souza<sup>1</sup>*

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia, Rio de Janeiro, RJ,  
Brasil*

**Resumo:** O presente trabalho propõe o analisar o RAP como uma ferramenta de resistência que trabalha através de vivências e letras encaixadas em um “BEAT”. O “RAP” surgiu dentro do movimento HIP HOP iniciado na década de 70 na periferia de Nova York, mais precisamente no Bronx, criado por imigrantes jamaicanos. O RAP (Ritmo e Poesia) mescla batidas eletrônicas conhecidas como BEATS, e letra, que na maioria das vezes relatam o cotidiano das periferias, trazendo uma carga histórica. Por se tratar de uma cultura majoritariamente negra, são relatados pedaços da história e resistência do povo preto em diversas letras, sendo essa a parte de maior interesse deste trabalho, tendo seus estudos baseados no último álbum do rapper Djonga “Histórias da Minha Área”.

**Palavras Chave:** RAP; Resistencia; HIP HOP

### RAP THE CULTURE OF RESISTANCE THROUGH EXPERIENCE AND POETRY - AN ESSAY ON RAPPER DJONGA'S ALBUM “HISTÓRIAS DA MINHA ÁREA”

**Abstract:** The present work proposes to analyze RAP as a resistance tool that works through experiences and letters embedded in a “BEAT”. The “RAP” emerged within the HIP HOP movement that started in the 70's on the outskirts of New York, more precisely in the Bronx, created by Jamaican immigrants. The RAP (Rhythm and Poetry) mixes electronic beats known as BEATS, and lyrics, which most of the time report the daily life of the peripheries, bringing a historical load. Because it is a mostly black culture, pieces of history and resistance of the black people are reported in different letters, this being the most interesting part of this work, having their studies based on the latest album by rapper Djonga “Histórias da Minha Área”.

**Keywords:** RAP; Resistance; HIP HOP

---

<sup>1</sup> Graduando em Geografia pela UERJ, bolsista voluntário do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Planejamento Territorial, com pesquisas em questões étnico raciais, cultura e sociedade e territórios imateriais, com ênfase no território criado pelo RAP. E-mail: [Jonathan93.uerj@gmail.com](mailto:Jonathan93.uerj@gmail.com) ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1138-5818>

## **RAP LA CULTURA DE LA RESISTENCIA A TRAVÉS DE LA EXPERIENCIA Y LA POESÍA - ENSAYO SOBRE EL ÁLBUM DEL RAPERO DJONGA “HISTÓRIAS DA MINHA ÁREA”**

**Resumen:** El presente trabajo propone analizar el RAP como una herramienta de resistencia que trabaja a través de experiencias y letras incrustadas en un “BEAT”. El “RAP” surgió dentro del movimiento HIP HOP que se inició en los años 70 en las afueras de Nueva York, más precisamente en el Bronx, creado por inmigrantes jamaicanos. El RAP (Rhythm and Poetry) mezcla ritmos electrónicos conocidos como BEATS y letras, que la mayoría de las veces relatan la vida cotidiana de las periferias, trayendo una carga histórica. Por tratarse de una cultura mayoritariamente negra, piezas de la historia y resistencia de los negros se relatan en varias cartas, siendo esta la parte más interesante de este trabajo, teniendo sus estudios basados en el último disco del rapero Djonga “Histórias da Minha Área”.

**Palabras Clave:** RAP; Resistencia; HIP HOP

## **RAP LA CULTURE DE LA RESISTANCE PAR L'EXPERIENCE ET LA POESIE - UN ESSAI SUR L'ALBUM DU RAPPEUR DJONGA «HISTORIAS DA MINHA ÁREA».**

**Résumé:** Le présent travail propose d'analyser le RAP comme un outil de résistance qui fonctionne à travers des expériences et des lettres intégrées dans un «BEAT». Le «RAP» est né au sein du mouvement HIP HOP qui a débuté dans les années 70 à la périphérie de New York, plus précisément dans le Bronx, créé par des immigrants jamaïcains. Le RAP (Rhythm and Poetry) mélange des beats électroniques connus sous le nom de BEATS, et des paroles, qui la plupart du temps rapportent la vie quotidienne des périphéries, apportant une charge historique. Parce que c'est une culture majoritairement noire, des morceaux d'histoire et de résistance du peuple noir sont rapportés dans différentes lettres, c'est la partie la plus intéressante de ce travail, leurs études étant basées sur le dernier album du rappeur Djonga «Histórias da Minha Área».

**Mots Clés:** RAP, la résistance, HIP HOP

## **INTRODUÇÃO**

O movimento Hip Hop teve seu início no fim da década de 60 e no início da década de 70, na cidade de Nova York, Nos Estados Unidos. Este gênero musical que engloba o Rap, Djing, Break Dance e Graffiti, surgiu nas áreas centrais das comunidades que abrigavam jamaicanos latinos e afro-americanos. Os moradores destas áreas enfrentavam diversos problemas sociais, tais com a pobreza, violência, tráfico e falta de infraestrutura. O primeiro elemento a surgir deste movimento foi o Toaster, introduzido pelo DJ Koll Herc, o estilo musical é precursor do Rap.



Com este estilo de música foi dada a largada para o surgimento de formas de artes associadas ao HIP HOP. Como é o caso do grafitti em contrapartida das pinturas e do break dance com os estilos mais tradicionais de dança.

Esse novo movimento artístico serviu como primeira forma dos jovens vindos dos guetos americanos de se expressarem e mostrarem as suas ideias e revoltas. O movimento também retratou a vida naqueles locais, e assim como na realidade do dia a dia as guerras de gangues era cada vez mais assombrosas, elas ganharam braços nos movimentos, tais quais as grandes brigas entre grupos de rappers.

No Brasil, o hip hop chegou nos anos 80, mas só começou a ter popularidade nos anos 90. O surgimento do movimento no país se deu nas periferias de São Paulo, tendo como o principal expoente o grupo de rap Racionais Mc, que retratavam os problemas sociais e as suas visões de mundo referentes à vida em que viviam, contando até sobre a vida na cadeia brasileira.

Apesar de ser um movimento estadunidense, o hip hop feito no Brasil tornou-se algo completamente diferente, uma vez que, retrata os problemas sociais brasileiros. Durante muitos anos as manifestações artísticas ligadas ao HIP HOP passaram despercebidas pela grande mídia e pela maior parte da sociedade, chegando apenas a ter prestígio quando algum integrante do movimento se destacava de uma forma excepcional, como foi o caso do grupo já citado racionais Mc's, ou do grafiteiro Kobra, que tem as suas pinturas valorizadas por boa parte do meio artístico mundial.

Este artigo busca explicar as questões raciais e a resistência presente no mundo do HIP HOP a partir de uma visão interna, estudando letras de rap que relatam as vivências do cotidiano das periferias. Nesse estudo daremos foco para um álbum do rapper Djonga que curiosamente não gosta de ser classificado como tal. O álbum recebe o nome de “Histórias da Minha Área” e é exatamente isso que é relatado, todas as vivências que o rapper passou junto com os amigos que estão com ele e os que já se foram, histórias muito parecidas com a de várias periferias do Brasil.

## **LEVANTAMENTO TEÓRICO-CONCEITUAL E METODOLOGIA**

Para abordar o Rap como ferramenta resistência da cultura negra se deve primeiro conceituar alguns termos e levantar a discussão sobre isso. Pra isso serão trazidos os

conceitos de cultura e diáspora, uma vez que a cultura negra não se encontra em um único ponto, mas sim espalhada pelo mundo por diversos motivos.

Também não buscamos tratar a cultura como algo uniforme, e nem estático, uma vez que existem diversos entendimentos sobre o termo.

Começaremos pelo conceito de cultura trabalhado pelo antropólogo Rodney William no livro, *Apropriação Cultural*, baseado nos pensamentos e escritos de Kabengele Munanga e Abdias Nascimento, o autor trabalha a cultura como um conjunto de características humanas inatas e abarcam muito mais do que aspectos visíveis ou concretos. Isso nos leva a pensamento de Munanga, que trabalha a cultura como uma exclusividade humana, entendendo assim que desenvolvimento, a busca por riquezas e tecnologias também como um aspecto cultural, ou seja, a tentativa de mudar a natureza e o panorama social podem ser vistos como cultura.

Sendo assim o que entendemos como cultura negra e afro-diaspórica, é um conjunto não só de manifestações ou comportamentos, mas também a forma como essas manifestações são transmitidas de geração para geração e o impacto causado por elas dentro da sociedade.

Devemos elencar o conceito de diáspora, o termo derivado do grego “diasporá” que em síntese significa “dispersão de povos”, de maneira forçada ou não. Baseado nisso o termo “diáspora negra” tem seu significado atrelado a dispersão de povos africanos na época da escravatura. Essa dispersão acaba por tornar a cultura um ponto de apoio e resistência, não só para a manutenção dos costumes e a busca por evolução, mas também como uma ferramenta de sobrevivência.

Pra trabalhar a questão de resistência, iremos usar o conceito de direito a cidade proposto por Henri Lefebvre. Para isso utilizaremos uma adaptação da visão de David Harvey sobre o conceito, entende-se que o direito a cidade não é apenas a oportunidade de ocupar determinados locais, mas também o direito e a capacidade de influenciar na construção e/ou ressignificação de áreas ou estruturas sociais urbanizadas, ou não.

A metodologia para a confecção do trabalho tem como base uma pesquisa historiográfica onde se buscou a origem do movimento *Hip Hop* e sua ideologia. Para isso foram utilizados artigos científicos, revistas, letras musicais e material fonográfico, tais como vídeos e músicas.



Tais materiais apresentam e exemplificam a história num viés diferente do originalmente utilizado, partindo da visão periférica, do que representa o direito a cidade e a influência do negro nos ambientes periféricos.

Como já dito anteriormente, iremos focar na metodologia baseada na análise do álbum “Histórias da Minha Área”, do rapper Djonga. Mais precisamente analisaremos algumas letras, a partir da visão diaspórica do negro na sociedade contemporânea, e do seu papel perante a construção das periferias, trazendo assim uma outra leitura ou até mesmo uma outra vertente do direito a cidade.

No total, seis músicas serão analisadas, e foram escolhidas de acordo com a proposta do artigo e o conteúdo presente nos versos. Serão essas “O Cara de Óculos”, “Não sei Rezar”, “Oto Patamá”, “Gelo”, “Hoje Não” e por fim “Deus Dará”.

### ANALISE E DISCUSÕES

Para analisar as letras serão selecionados trechos específicos que mostrem a realidade vivida pelo rapper, tal qual todo o processo de mudança pessoal e coletivo que ele propõe em sua área.

Em “O Cara de Óculos” o rapper fala das referências que tinha quando era mais novo, e de como era a questão estética que tinha valor na época. No trecho inicial o rapper ainda fala sobre questões muito atuais, como consciência social, e como ele via tal questão, não só em relação a conseguir as coisas “roubando playboy”, mas também sobre como era repartir o pouco com os amigos. Sendo assim devemos levar em consideração que aproximadamente  $\frac{1}{4}$  da população brasileira está a baixo da linha da pobreza segundo dados de 2019 do IBGE.

“Inspiração foi os maluco  
De 125 na porta da escola  
Sem disfarçado, o corte era cinco conto  
Relaxante no cabelo que o pretin' decola  
Consciência social era roubar playboy  
Dividir o lanche, dividir marola” (DJONGA, 2020)

Seguindo a música, Djonga continua falando de questões sociais como analfabetismo e a entrada para a vida do crime como uma das poucas opções pra colocar coisas (comida, roupa, etc) dentro de casa. Ele ainda traz uma análise de



oposição entre a pessoa certa e o crime, tal qual um policial parando uma pessoa negra só por ser negra, algo controverso, que é um agente da lei estar cometendo um crime (racismo) para supostamente prevenir o acontecimento de qualquer outro crime. Em seguida é relatado o sentimento que essa injustiça racial causa nos negros, por mais que não tenham consciência disso. O trecho repete a questão da entrada para o crime e a violência policial com os negros, mesmo que menores de idade. Por fim há uma onomatopeia que replica o som de tiros, que nos remete mais uma vez a dualidade entre criminalidade e violência policial trazida nessa parte da música.

“157, 33

Vi vários cara assinar sem nem saber escrever  
Sadok e Goma na cidade inteira  
Prenderam os Piores, pergunta lá pra ver  
Muito cara certo entrou na vida errada  
Dinheiro sujo compra roupa limpa  
Essa é a prova que os opostos se atraem  
Igual polícia e um preto na parede  
Coisa que eu não entendo junto ainda  
Muitos aqui tem ódio e nem sabe por que, cara  
Ouve a dor na minha voz, me responde: Por quê, cara?  
Mete 155 pra portar as coisa cara  
É que eu, eu com quase 15 e um oitão na minha cara  
Plow, plow, plow  
Pá tududum, pá tududum” (DJONGA, 2020)

No fim da música o rapper ainda relata a questão de realizar mudanças em sua área, “puxando” seus semelhantes para cima com seu sucesso, e ainda fala na contradição de muitos quererem ser os melhores do Brasil, sem nem a menos ser o melhor da própria rua, ou para a própria rua.

“Todo mundo da minha área que chegou fui eu que pus  
Eles 'tão por mim, seja Sol ou Lua  
E 'cê só vai ser o maior do Brasil  
Depois que for o maior da sua rua, chupa” (DJONGA, 2020)

Passando para a música “Não Sei Rezar” o rapper relata a perda de amigos. Ele também trata da entrada de jovens negros muito cedo para a vida do crime: pela necessidade, pelo falso glamour e a questão do poder, tratando isso como uma profissão, pois na maioria das vezes é a única opção pra por comida dentro de casa.



“Mas não há nada que se compare  
À dor de perder quem não tá pronto pra partir  
Dobro da minha disposição, metade da minha idade  
E nem um terço da oportunidade que eu tive  
Ontem eu te vi na rua acendendo um balão  
Cuidado, meu cria, que é pra tu não voar demais  
Só de pente goiabada, pilotando carrão  
Sempre armado, nunca amador, somos profissionais  
Lembro o finado Joquinha, tomou tapa na cara  
Esse rosto mamãe beijou, mano, vou me vingar  
Então reuniu os mais brabo, o mano era sem palavra  
Mas solução pra ter poder aqui é traficar (é foda)” (DJONGA, 2020)

No verso seguinte o rapper fala sobre a desigualdade de tratamento dos negros em relação as expectativas, uma vez que para alcançar determinados espaços o negro tem que ser muitas vezes melhor. Tal verso faz referência a um trecho da música do grupo Racionais MC's “A Vida é Um Desafio”: Mano Brown faz uma introdução dizendo que a mão dele vivia dizendo que por ser preto deve-se ser duas vezes melhor. Porém ele se pergunta como ser duas vezes melhor estando no mínimo cem vezes atrás, que nesse caso é trabalhado com um resquício da época da escravidão. Sendo assim, Djonga em seus versos clama por justiça, caso contrário, não haverá paz para nenhum dos lados, uma vez que para os negros chegarem no mesmo lugar que s brancos (a meta dez) eles têm que ser dez vezes melhor (a nota cem). “Enquanto não houver justiça pra nós, juro que pra vocês não vai ter paz, se a meta é dez, nossa nota é cem, nossa nota é cem” (DJONGA, 2020)

Mais uma vez é falada a questão de estar “junto” com sua área, porém dessa vez com um ar de tristeza por não conseguir salvar todos os amigos que passaram dificuldades com ele (na derrota), e não vão poder estar no atual momento de fartura e vitória (progresso). Neste trecho podemos fazer uma relação com a questão da expectativa de vida dos jovens negros, trazemos a referência da música “Soldado Sem Bandeira” do rapper Emicida onde ele relate em um verso uma realidade cruel vivida por esses jovens “Nós até faz bastante plano pra quem raramente chega aos 30”, com isso devemos parar pra pensar, Djonga antes dos 26 anos (idade atual) perdeu amigos muito novos pra violência, uma realidade, infelizmente, muito comum nas periferias. “Quem estoura abandona a área, eu vou fazer o inverso, com



mil motivos pra sorrir, mas o que faz chorar, saber que uns tava na derrota, mas não viu o progresso” (DJONGA, 2020).

O rapper por fim ainda trabalha a questão da perda dos amigos baseada no ego e no “glamour” da vida do crime, indicando como se ao entrar pra essa vida só existe um final possível, e ele é triste, e sem glória, e violento, a ponto de o enterro ter que ser com caixão fechado, que indica uma não possibilidade de despedida real e uma violência na morte.

“O ego te constrói por dentro e destrói o que tá por fora  
Tá brincando que ainda não sabe o final dessa história  
E a última lembrança que eu tenho desse irmão  
É lágrima e caixão fechado e não dias de glória” (DJONGA, 2020)

Em “Oto Patamá” Djonga mostra seu intuito de levar melhorias e felicidade para sua área, periferia de Belo Horizonte, dizendo “faço essa merda com o foco no sorriso negro”. Porém, o rapper também critica a forma como as coisas são feitas, comparando a carreira artística com uma “carreira” de cocaína, dizendo que embora faça isso buscando a melhoria, não está disposto a qualquer coisa para alcançar seu objetivo.

“E por aqui, carreira é outra parada  
Logo quem vem de onde eu vim não confia em carreira  
Carreira vicia, já experimentei dos dois tipo  
Não importa o dono se o cão tá na coleira  
É que nós nunca cai no jogo das vaidade  
Vai idade e eu não paro de reparar  
Que seu povo só tem prazer em bater  
Porque não sabe a dor que é apanhar” (DJONGA, 2020)

Em seguida, demonstra que seu sucesso não é sorte, uma vez que busca lançar seus álbuns sempre no mesmo dia, um total de 4 álbuns (que podem, mesmo que muito novos, já ser considerados clássicos), dizendo que isso não é nenhuma coincidência, comparando com as mortes de negros na favela, na maioria tratadas como acidentes ou casos isolados, que acabam por se repetir quase todos os dias nas notícias dos jornais.

“Lanço todo dia 13 pra provar pra tu  
Que um raio cai de novo no mesmo lugar  
Então olha ali no beco a cor do que morreu  
O raio caiu de novo no mesmo lugar” (DJONGA, 2020)



O rapper traz uma visão de trabalho continuo mudar a realidade das pessoas de sua área quando diz “se cada um é um universo quem salva uma vida salva um mundo inteiro”, e demonstra que por menor que seja o trabalho, ele deve ser levado a sério pois pode salvar vidas. O verso seguinte nos remete a escravidão onde negros africanos foram sequestrados e levados para o outro lado do oceano para realizarem trabalho escravo. Ainda nesse trecho, o rapper mostra que sua música fez com que ele chegasse a outros continentes, remetendo a parceria com a “*Pineapple*”, que o levou para gravar em diversos países da Europa. Porém ele ressalta que só continua no topo depois de tanto tempo, porque, não abandona suas origens, fazendo uma analogia ao jogador do Flamengo Bruno Henrique, que também foi inspiração para o título da música.

“Minha gente cruzou o mar a força com mão branca  
Cruzei voando com a força da minha palavra  
Nós só é bom no campo igual Bruno Henrique  
Porque lembra dos tempo na várzea” (DJONGA, 2020)

A música ainda relata o medo dos negros quando encontram com a Polícia Militar. Por mais que não façam nada de errado, ou que não representem perigo, esse encontro é sempre um momento muito perigoso para os negros. Uma vez que o modus operante da polícia é trabalhar com o negro sempre como o perfil do suspeito. “Nós é o toque da BM, aquela fuga da PM, o grito engasgado pros perna cinzenta e sem creme, que quando vê sirene treme, ó o refrão” (DJONGA, 2020).

Por fim, a música traz o sample de um áudio de WhatsApp, que demonstra a alegria de um fã após o show, onde o fã agradece e termina cantando um trecho de outra música do Djonga.

“Ô, Leo, valeu, brigadão, pai, Deus abençoe  
Brigado mesmo, de coração, que show maravilhoso!  
Brigado! O cara canta demais, sô  
Ô, falador, quando cê fala quando nós tá no poder!  
A favela sorriu e os boy chorou!” (DJONGA, 2020)

Em “Gelo” o rapper volta a trabalhar a violência vivida nas periferias e cita algumas das coisas que acabam salvando a vida e dando sustento para os jovens das periferias, por mais que sejam formas diferentes e algumas até muito criticadas. Ainda são relatados dois motivos para que os jovens entrem para o crime: a busca por bens materiais caros e mulheres.



“Gritando na atividade, lerdo, ó os Ronaldo vindo  
Eles quer estirar seu corpo aí nesse cimento  
Fala mal, mas aqui é bola, igreja ou crime  
Que serve pra tirar os menorzin do sofrimento  
Então a onda é ser vapor pra andar de Vapormax  
Se essas mina libera a xota, aí nós vamo mesmo” (Djonga, 2020)

O rapper traz a questão da partilha, que muitas vezes é necessária quando se tem pouco, no trecho “nós aprendeu a dividir quando não tinha nada não vai sofrer pra dividir agora que tem tudo”, isso traz uma visão de não abandono da área após obter o sucesso. Por fim Djonga diz não ser um rapper, e mesmo não se esforçando consegue ser um dos melhores MC’s. O trecho em especial soa como uma crítica para os rappers que após alcançarem a fama se comportam como crianças (sem nenhum compromisso com a cultura ou com a sociedade), “já disse: Rapper é o caralho, eu sou sujeito homem, mas a real é que ainda sou dos melhor MC” (DJONGA, 2020).

A penúltima musica desta análise “Hoje Não” possui um clipe, que recria a história da menina Ágatha, que foi executada pela polícia militar do Rio de Janeiro, porem trazendo um final diferente, onde a menina sobrevive e quem acaba morrendo são os agentes que fazem mal para a periferia, representados pela PM, políticos e jovens brancos de classe média que financiam o tráfico. No início da música é relatada a evolução financeira dos amigos do rapper trazida pela fama.

“Vi quem só andava com o mesmo chinelo  
Com o preço de uma casa no seu sapateiro  
Olhei pro braço dos cria, tá geral de Rolex  
Finalmente pude entender porque tempo é dinheiro” (DJONGA, 2020)

Em seguida é encenada uma abordagem policial, onde a principal questão são os documentos do carro estarem no nome do rapper, um homem negro, o que acaba levantando suspeitas, e o policial diz que tem coisa errada, perguntando com quem ele estaria (insinuando associação ao crime). Por fim Djonga insinua que sua vida parece um conto de fadas, e rebate as acusações do policial dizendo que no momento, ele é o padrão que seu filho ama (ou queria ser) trazendo uma referência mais uma vez a uma música do grupo Racionais MC’s intitulada “Nego Drama” onde o grupo trabalha a vontade de jovens de classe média em reproduzir o estilo dos rappers da periferia no trecho “Seu filho quer ser preto, rhá, que ironia”.



“Movimento suspeito, pediram pra encostar  
O doc tá no meu nome, é o que te deixa puto  
Só pode ser brincadeira  
Começa a perguntar  
Tem coisa errada na fita  
Filhão, cê tá com quem?  
Sou eu por eu, doutor  
Sei, parece conto de fada  
Vai no histórico do Mac  
Ver quem seu filho ama

Pensou mesmo que o herói dele ia ser alguém de farda?” (Djonga, 2020)

A música também relata o estereótipo “passível” de abordagem da polícia em um trecho, dando a entender que esse estereótipo acaba sendo internalizado pelos jovens negros como uma armadura, algo que protege eles da realidade cruel das periferias. Isso acaba mostrando uma dualidade nessa postura, proteção por um lado, porém essa mesma postura é o que acaba “justificando” uma abordagem violenta da polícia.

“Que anda de cara fechada e não tem medo do mal, não  
Fumando a flora, chefe, sempre no bolso com a fauna  
Boné Nike tampando o olho  
Que é pra não enxergarem as feridas da nossa alma” (DJONGA, 2020)

Por fim, a música traz a questão do julgamento quando o negro expressa suas indignações ou se rebela. Existe sempre uma indagação, o mais comum de ocorrer é tal revolta ser desacreditada, porém o rapper mostra que tal postura é muito válida, ainda mais enquanto a realidade violenta vivida por negros nas periferias não for mudada, enquanto não for extinta essa ideia de genocídio negro como um dos remédios para fim da criminalidade.

“Perguntam se eu não me arrependo do que tenho dito  
Mas não se arrependem de Jenifers, Kauãs e Ágathas  
Nós aqui carregando o peso do mundo nas costas  
Por coisa que nem o peso na sua consciência paga” (DJONGA, 2020)

Para finalizar nossa análise, trabalharemos a música “Deus Dará”, que traz logo de início a noção de compartilhamento e ancestralidade, buscando sempre mostrar como o trabalho de mudança da realidade e ocupação da periferia é comunitário e coletivo.

“Deus entregando com uma mão, nós divide com a outra  
Mantendo uma sempre livre você recebe mais



Tem pra comer e ainda sobra pros kit, pras roupa  
Trabalho lindo, outros tempos, eu corro atrás de paz” (DJONGA, 2020)

A ideia de ancestralidade e de trabalho vem também no verso da rapper “Cristal” que é uma participação importantíssima e mostra o papel das mulheres negras nessa luta diária por melhoria e na luta por espaço.

“Meus passos vêm de longe e me trouxeram aqui  
Dos preto que já se foram e que tiveram que partir  
Pelas irmã que tiveram que desistir  
Nos tira o chão, nós cria asa, fé não vai tirar de mim” (DJONGA, 2019)

A rapper ainda traz o conceito de base em sua letra, relata que todas as suas conquistas vão voltar para a sua base (apoio) pois sem ela não haveria conquistas. Os versos também trazem a perspectiva de prioridades ao conseguir dinheiro: o que vale mais, ter comida na mesa ou um tênis novo pra se amostrar? Essa é uma questão muito controversa no mundo do RAP.

“O que eu conquistar vai voltar pra minha base  
Sem base não tem começo, sem começo nem tem topo, nigga  
Antes de escolher comprar Nike ou Adidas  
Certifica que tem banquete pra gente encher a barriga” (DJONGA, 2020)

Retornando para os versos de Djonga, nos deparamos com a mesma questão voltada para as prioridades, quando ele questiona se deveria dar mais valor aos famosos que o cercam atualmente ou os amigos que estão com ele desde o início, ainda trazendo a ideia de coletivo, lembrando que não chegaria ali sozinho.

“Na fome do que eu nunca tive  
Eu me cuido pra não dar indigestão  
Ser cercado de globais  
Ou um rolé sincero com seus irmão?  
Dos que não só zoou, mas suou  
Quando a nave era um carrinho de mão  
Não se realiza sozinho  
O que se sonha em comunhão, oh” (Djonga, 2020)

No último verso, o rapper mostra toda a evolução em sua vida, continua ressaltando que busca uma evolução coletiva. Associada a isso há também a mudança de perspectiva nos anseios de da vida, quando quis ser bandido, porém hoje busca ser a cura



para os jovens que ainda podem se envolver com a vida do crime, como ele mesmo diz, isso “é sobre mudar de vida”

“Com mais de uma casa no nome  
Te ensinando a conquistar a sua  
Meritocracia que nada  
É correria que fala na rua  
Pensando alto mesmo aqui de baixo  
Focadão só pra que as fita flua  
Acertei naquela cobertura  
É que eu tava mirando na Lua  
Já quis ser bandido pra te abrir no meio  
Tô mais pra band-aid, fecho suas ferida  
Eu querer terra num condomínio te causa receio  
Não é sobre mudar de casa, é sobre mudar de vida” (Djonga, 2020)

## CONCLUSÃO

Após a análise podemos dizer que o direito a cidade é um termo complexo e mutável, uma vez que, de acordo com as realidades vividas o conceito de mudança pode por ironia do destino mudar. Visto isso, o trabalho de Djonga é uma obra importantíssima que mostra como funciona a dinâmica nas periferias brasileiras e como a falta do suporte do Estado acaba levando os jovens negros para caminhos alternativos na busca por sobrevivência, outra ironia, pois do mesmo jeito que o Estado não presta assistência para esses jovens, ele é o primeiro a julgar e muitas vezes executar tais jovens. Visto isso, devemos levar em consideração os dados que segundo o mapa da violência de 2016, “a cada 23 minutos morre um jovem negro no Brasil”, tal dado pode ser considerado defasado por conta do tempo, e por considerar apenas jovens de 15 a 29 anos, atualmente temos visto a violência do estado ceifar vidas negras cada vez mais jovens tal qual o caso do menino João Pedro de 14 anos, morto dentro de casa durante uma operação policial.

Isso nos leva a outro questionamento: a vida do tráfico seria o que o jovem negro periférico teria de mais próximo e parecido com um auxílio público? Uma vez que é esse mesmo tráfico que dá o sustento para esses jovens, o aporte para a maioria das periferias e que atua como segurança pública (no sentido de segurança nas ruas), visto que a polícia muitas vezes só aparece nessas áreas pra fazer operações sanguinárias, veja bem, não pretendemos tratar o tráfico como algo certo, nem como um mal necessário para a vida dos jovens nas favelas, o questionamento é exatamente oposto a isso. O que torna o tráfico



uma saída plausível para a sobrevivência desses jovens nas periferias? Quais as soluções para acabar com esse tráfico e dar uma oportunidade mais digna de vida para esses jovens? Algo que não seja a falida guerra as drogas que na realidade é apenas um genocídio de jovens negros disfarçado política de segurança.

Por fim, tal obra mostra poder de resistência e de mudança do RAP, como uma opção de mudança de vida individual e coletiva. Porém não podemos transformar a exceção em regra, este artigo não tem a pretensão de reforçar a ideia de meritocracia, ainda se faz muito necessário o apoio do Estado nessas áreas para que as perspectivas de crescimento sejam outras, diferentes de “bola, igreja e crime” como diz o próprio rapper. No caso, colocamos o RAP como uma dessas opções também. Temos que entender que isso ainda é muito pouco, e que ainda há muito trabalho para ser feito, mas parafraseando Emicida, outro rapper, o “nós por nós” nunca foi tão necessário, e também nunca foi tão evidente.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S; Racismo Estrutural/ Silvio Almeida, - São Paulo: *Pólen*, 2019.

CRISTINA DA LUZ, F; A DIMENSÃO RACIAL NAS POLÍTICAS URBANAS E HABITACIONAIS. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 12, n. Ed. Especi, p. 126-152, abr. 2020. ISSN 2177-2770.

DJONGA; Histórias da Minha Área – Belo Horizonte, MG 2020 – *Ceia Ent.*

GOMES, N.L; O Movimento Negro Educador: Saberes Construídos nas Lutas por Emancipação/ Nilma Lino Gomes – Petrópolis, RJ: *Vozes*, 2017.

HARVEY, D; Cidades Rebeldes: Do Direito a Cidade à Revolução Urbana / David Harvey. Tradução Jeferson Camargo. – São Paulo: Martins Fontes – *selo Martins*, 2014.

LURENÇO, M. L.; Arte, Cultura e Política: O Movimento *Hip Hop* e a Constituição dos Narradores Urbanos. *Universidade de São Paulo*. São Paulo, SP. (2010)

WILLIAM, R; Apropriação Cultural/ Rodney William, - São Paulo: *Pólen*, 2019.

*Recebido em: 18/07/2020*

*Aprovado em: 05/07/2021*